

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CANCIONEIRO DE S. SIMÃO DE NOVAIS. SEGUNDA SÉRIE.

LIMA, Fernando de Castro Pires de

Ano: 1925 | Número: 35

Como citar este documento:

LIMA, Fernando de Castro Pires de, Cancioneiro de S. Simão de Novais. Segunda série. *Revista de Guimarães*, 35 (1) Jan.-Mar. 1925, p. 29-32.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

CANCIONEIRO
DE
S. SIMÃO DE NOVAIS

(SEGUNDA SÉRIE)

COLIGIDO POR

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

(Cont. do volume anterior, pág. 206)

560

A roda do meu botão
é como a roda dum carro.
Quando volto à cozinha
faço tremer o telhado.

562

Arrebita, pessegueiro,
que é tempo de arrebitar.
Os rapazes da cidade
andam mortos por casar.

564

A salsa de ao pé do rio
de viçosa cai-lhe a fôlha.
Tenho um amor bem bonito,
se não houver quem mo colha.

566

A Senhora da Saúde
aqui vimos visitar;
tantos anjos me acompanhem
quantas passadas vim dar!

568

A Senhora do Sameiro
bota contas ao terreiro:
bota uma, bota duas,
bota o rosário inteiro.

561

A rosa fechada cheira,
o cravo meio aberto.
Dormira na tua cama,
se não fôra descoberto.

563

Á salsa da de ao pé do rio
dá-lhe o vento, vira a fôlha.
Tenho um amor bem bonito,
se não houver quem o colha...

565

A Senhora da Assunção
assubiu acima ao monte:
aonde se ela *assentou*
formou-se logo uma fonte.

567

A Senhora da Saúde
tem um manto que reluz,
que lho deu um brasileiro
que se viu no mar sem luz.

569

A Senhora do Sameiro
bota fitas a voar,
vermelhinhas e branquinhas:
tôdas vão cair no mar.

570

A silva que me a mim prende
à tua janela nasce;
nunca me a silva prendeu
que dela me não tirasse... (1)

572

Assenta-te aqui, António,
mesmo à minha beirinha;
não te *assentes* na cadeira,
assenta-te na pedrinha.

574

Assubi ao limoeiro,
cortei uma só vergasta.
O amor que é entendido,
meio acêno lhe basta...

576

As telhas do meu telhado
botam água sem chover.
Trocaste-me a mim por outra?
Inda te há-de arrepender!

578

Atiraste ao meu peito
coração de alma perdida!
Agora pões-te a chorar
por não me poderes dar vida...

580

Atrepa, feijão, atrepa,
no milho da melhor côr!
Também hei-de atrepar
quando vir o meu amor...

582

Auga que bate na serra
ao longe faz aguada;
quem a teme que se arrede,
que eu por mim não temo nada.

584

Bota p'ra cá os teus olhos,
amor, de quando em quando,
de modo que não perceba
a gente que anda no bando.

571

Assenta-te aqui, António,
assenta-te à minha beira:
não te *assentes* na pedrinha,
vou buscar uma cadeira...

573

Assubi ao limoeiro,
cheguei ao meio, caí:
se o limpeiro é morte, (2)
ai de mim, que já morri!

575

Assubi ao teu sentido,
nunca tam alta me vi:
descaí da tua graça...
Uns *assobem*, eu desci.

577

Até um dia era eu
no teu prato a melhor sopa;
agora sou um veneno
rosalgar na tua bôca...

579

Atirei-te uma laranja,
por cima de Braga fora,
e lá caíu a laranja;
adeus, Braga, vou-me embora!

581

Auga do rio vai turva,
não fui eu que a turvei;
por *male* dos meus pecados
auga turva beberei.

583

A viola sem a prima,
a prima sem violão,
os homens sem as mulheres,
é como o caldo sem pão...

585

Boas noites, meus senhores,
boas noites lhes vou dar:
é obrigação que tenho
onde quer que eu chegar.

(1) Cf. 446.

(2) Variante: se o limoeiro é *podre,

586

Caçador, que vais à caça,
 não é p'ra caçar o coelho!
 E' p'ra caçar a menina
 do coletinho vermelho... (1)

587

Quantos peixes tem o mar?
 Não sei, que não fui ao fundo.
 Também quero que me digas
 quantos olhos tem o mundo.

589

Canta-me uma cantiguinha
 daquelas de andar à erva.
 O cantar é p'ra quem sabe,
 barregar quem quer barrega... (2)

591

Chamaste-me vária, louca,
 louca sim e louca não:
 queira Deus, minha loucura
 que não torne à tua mão...

593

Chamaste-me pouca roupa?
 Se tens muita é teu proveito:
 menos tenho que tirar
 à noite, quando me deito... (3)

595

Chorai, olhos! Chorai, olhos!
 Que o chorar não é desprêzo:
 a Virgem também chorou,
 quando viu seu Filho preso.

597

Coitadinha de ti, moça,
 que vives tam enganada!
 Tu tens fama de bonita
 e mais não prestas p'ra nada...

587

Canta, canta, cantadeira,
 gosto de te ouvir cantar;
 também quero que me digas
 quantos peixes tem o mar. (3)

588

Canta-me uma cantiguinha,
 não me digas que não sabes;
 não me digas que não queres,
 que não é tua vontade.

590

Cemitér'o da Carreira!
 Ao longe metes-me horror:
 já te vingaste de mim,
 já lá tens o meu amor...

592

Chamaste-me pequenina,
 por ser garota do alto.
 Faltará o sol à lua,
 mas ao meu amor não falto. (4)

594

Chorai, fadistas, chorai,
 que a mãe do fado morreu!
 Era a melhor fadista
 que no fado apar'ceu...

596

Coitadinho de quem ama
 dois amores numa rua:
 passa por um, diz adeus,
 passa por outro, amua. (6)

598

Como o veado procura
 a corrente, sequioso,
 assim hoje nós corremos,
 ai, Jesus! p'ra o amoroso.

(1) Cf. 475.

(2) Cf. 438.

(3) Cf. 259.

(4) Cf. 76, 244.

(5) Variante de 463.

(6) Cf. 197, 198.

599

Com pêna peguei na pêna,
com a pêna fiz um S,
co'a pêna mandei dizer
ao meu amor que viesse.

601

Côrada como uma rosa,
côrada como a cereja,
é a coisa mais 'stimada
que o meu coração deseja.

603

Cortei o rabo à pêga,
o bico ao papagaio.
O' raparigas de Coira,
se quereis comer, ganhai-o!

605

Dá-me a tua mão esquerda,
que t'a quero aceitar;
já te não peço a direita:
tens muito a quem a dar!

607

Da minha porta p'ra a tua,
do meu coração p'ra o teu,
é um tiro de espingarda:
quem o dispara sou eu. (1)

609

Da outra banda do rio,
da outra banda de lá,
tem meu pai um castanheiro,
que muita castanha dá.

611

Da outra banda do rio
tem meu pai um castanheiro:
dá uva branca em Maio,
e castanhas em Janeiro.

600

Coração por coração,
amor, não troco o meu:
olha que o meu coração
sempre foi leal ao teu.

602

Cortei o rabo à pêga
e o bico à *sarralha*:
é o sustento dos homens
no ano que não há palha...

604

Da janela do meu quarto
vejo a casa do meu sogro:
eu da casa bem me importo...
pelo filho é que eu morro.

606

Da minha janela rezo
à Senhora das areias,
que me mande o meu amor,
que anda por terras alheias...

608

Da outra banda do rio,
da outra banda de além,
que fôsse eu não sei aonde,
manda-me aqui não sei quem. (2)

610

Da outra banda do rio,
somos tantos como vós:
nós comemos o carneiro,
as gaitas ficam p'ra vós.

612

Da outra banda do rio
tem o meu pai uma quinta;
sabes quem trabalha nela?
A nossa gatinha pinta.

(Continua).

(1) Cf. 261.

(2) Cf. 35, 223.